

Dívida Externa

O banqueiro avisa: acordo poderá sair, mas o dinheiro não.

JORNAL DA TARDE

MOISÉS RABINOVICI, DE WASHINGTON.

"Que não haja ilusões", advertiu ontem um banqueiro do Comitê de Bancos Credores. "Podemos fechar agora um acordo com o Brasil, mas isto não quer dizer que o dinheiro novo já esteja disponível. Ele pode até ser ainda recusado."

O banqueiro reconheceu que "estamos atravessando um momento de dificuldades nas negociações", mas procurou não dar importância: "Sempre tivemos dificuldades e elas sempre vão existir. Toda vez que há uma necessidade de negociar é porque há uma dificuldade".

Ao ouvir que a volta da dupla de negociadores brasileiros a Brasília, anteontem, gerou uma impressão de crise nas negociações, o banqueiro reagiu: "Crise? Já faz muito tempo que estamos em crise. Desde a moratória. Se as coisas estivessem maravilhosas, não haveria necessidade desta paradinha. Mas também não estamos chegando ao fim do mundo".

— Apenas uma paradinha?

"Deu-se uma parada nas discussões, para consultas. Há uma concepção errada de que os 14 banqueiros do comitê credor são os donos da verdade na comunidade bancária. Nós tentamos ter a certeza de que o que estamos negociando seja aceitável para o restante dos bancos — os americanos, ingleses, japoneses, bancos de todo o mundo."

nha-se muito tocando a outra negociação, com o FMI e o Banco Mundial". Este mesmo banqueiro lembra que muitos bancos terão de elevar ainda mais suas reservas ao emprestar dinheiro novo para o Brasil, "o que torna tudo mais difícil ainda".

Sobre a "vinculação flexível", que seria uma contraproposta brasileira nas negociações, outra fonte explica: "É um vínculo que decorre da própria coexistência do acordo com os bancos e com o FMI. Só que os desembolsos de um não estão dependentes dos outros. A proposta foi feita para evitar a automaticidade das interrupções dos desembolsos dos bancos, como acontecia no passado: quando o Brasil não alcançava alguma meta do FMI, parava de receber seus empréstimos bancários".

Entusiasmo

Informado de que o superávit brasileiro batera um recorde — Cr\$ 1,9 bilhão —, um dos banqueiros reagiu com entusiasmo: "Uauuu, fantastic, fantastic!" (Para um observador das negociações, este saldo comercial "pode abrir o espaço de manobra do Brasil". Para outra fonte, "o Brasil pode bater outros recordes de exportação, afastando o problema da dívida e a necessidade de novos empréstimos.)

Os dois banqueiros desmentiram os rumores que circulam no Brasil, de que o assessor internacional do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, e o diretor da área de Dívida Externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, estejam se desentendendo sobre as diretrizes da renegociação da dívida. "Nunca tivemos esta impressão", disseram eles.

O principal problema para o lado brasileiro ainda é a vinculação do pacote dos bancos a um acordo com o FMI. Isto porque qualquer problema com o FMI terá o poder de paralisar o desembolso do empréstimo bancário.

"Acho que estamos todos tentando achar uma solução que seja aceitável para nós, para o governo brasileiro e para outros governos, de forma geral", disse um dos banqueiros consultados ontem.

Segundo uma fonte relacionada com o Fundo Monetário Internacional, "o FMI está muito flexível para um acordo com o Brasil". "Se não houvesse condições para um acordo, a missão nem sequer viajaria para o Brasil", disse a fonte.

A vinculação é fundamental, lembra um banqueiro, para que o pacote, depois de fechado, ganhe a adesão de todos os credores. "Vamos supor que acertemos o negócio hoje, mas que ele dependerá de coisas no futuro. A partir do momento em que o governo brasileiro manda o telex para a comunidade bancária, com nosso endosso, até o final, é um longo processo. Nesse meio tempo, ga-